

ISSN 2357-8203

Revista

Colineares

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

Volume 6 - Número 1 - Jan/Jun 2019



UERN

**A SECA “CONSTRUINDO” E “DESCONSTRUINDO” O NORDESTE
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DO LIVRO O QUINZE
DE RACHEL DE QUEIROZ**

**THE DROUGHT "CONSTRUCTING" AND "DECONSTRUCTING"
BRAZILIAN NORTHEAST: AN ANALYSIS OF THE BOOK THE
FIFTEEN BY RACHEL DE QUEIROZ**

Rusiane da Silva Torres⁴

Raiane Torres da Silva⁵

RESUMO: Esse artigo busca analisar a seca como elemento construtor da região Nordeste, fenômeno destaque na Literatura Regionalista dos anos 1930, dos quais focamos na escritora cearense Rachel de Queiroz. Utilizamos como fontes para a elaboração deste trabalho, o livro O Quinze de Rachel de Queiroz, matérias de jornais locais de Mossoró/RN, O Comércio de Mossoró e O Mossoroense, além de matérias de jornais cearenses, como por exemplo, A Lucta. Ao término do trabalho podemos perceber o fenômeno da seca como elemento capaz de criar características identitárias para o povo nordestino e sertanejo, ao mesmo tempo que se apresenta como um dos responsáveis pelo esvaziamento do sertão.

Palavras-chave: Seca. Literatura. Nordeste.

ABSTRACT: This article seeks to analyze the drought as a building element of the Northeast region, a phenomenon highlighted in the Regionalist Literature of the 1930s, in which we focus on Ceará writer Rachel de Queiroz. We used as sources for this work, the book O Quinze by Rachel de Queiroz, articles from local newspapers of Mossoró / RN, O Comércio de Mossoró and O Mossoroense, as well as articles from Ceará newspapers, such as A Lucta. At the end of the work we can perceive the drought phenomenon as an element capable of creating identity characteristics for the northeastern, while presenting itself as one of those responsible for emptying the region.

Keywords: Drought. Literature. Northeast.

1 INTRODUÇÃO

A seca é elemento presente na construção sócio-espacial da região que hoje chamamos de Nordeste, o fenômeno foi responsável em mostrar para o país, um Brasil seco até então desconhecido. Essa exibição se deu por meio da música, das pinturas, e em especial, por meio da literatura regionalista da década de 1930.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN). Graduada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

⁵ Graduada pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Autores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida, utilizaram o tema da seca na elaboração de seus maiores clássicos literários. O país conheceu uma população com características próprias.

A cearense Rachel de Queiroz, ganhou notoriedade no cenário ao escrever o livro *O Quinze*, principal objeto de estudo dessa pesquisa, no ano de 1930, baseado na seca de 1915. Rachel não utilizou fontes históricas na elaboração da obra, entretanto, alguns dos cenários descritos na narrativa foram presenciados e/ou ouvidos pela autora.

Este estudo consiste em analisar como a cearense enxerga a seca na sua obra literária e como esse fenômeno é apresentado em periódicos de grande circulação em Mossoró/RN *O Mossoroense* dos anos de 1915 e 1916, e o jornal *O Comércio de Mossoró* do ano de 1915⁶. Usamos ainda o jornal cearense *A Lucta* do ano de 1915⁷. O objetivo do uso desses jornais é entender a seca no principal meio de veiculação de notícias da época. Compreender como os jornais elaboraram um discurso para a seca e como eles se dirigiam aos retirantes nordestinos.

O trabalho está dividido em duas seções, que articuladamente visam alcançar o objetivo proposto. O primeiro tópico busca discutir a criação do Nordeste e sua relação com o fenômeno da seca, usando Albuquerque Júnior (1987; 2011) para caracterizar o processo de “invenção” da região. O segundo ponto aborda o processo de despovoamento do Nordeste, ocasionado pela seca.

2 DISCUTINDO A SECA NO NORDESTE

Quando fala-se em Nordeste brasileiro, é comum se associar à imagem da pobreza, do sofrimento, da gente humilde, atrasada, analfabeta e matuta. Quando falamos em sertão, a palavra seca geralmente já nos vem à mente. A seca aparece muitas vezes como fenômeno atrelado a essa região. É como se não houvesse o Nordeste sem a estiagem, e vice-versa. Essa relação muitas vezes é tão intensa, que chegamos a nos questionar se existiria o Nordeste sem o fenômeno da seca. Parece que a região “respira” a seca. Albuquerque Junior (2011) enxerga a seca como elemento construtor sócio-espacial da região, hoje chamada Nordeste.

Os Estados que hoje compõem a região Nordeste do país, antes integravam a região Norte, entretanto, as características climáticas entre os Estados eram divergentes. Enquanto nas áreas próximas à Floresta Amazônica as chuvas eram constantes, nas proximidades do sertão, a chuva era escassa. O que fazer com tamanha desigualdade? O que fazer com o dinheiro que entra na região: investir nas áreas ricas em água, ou investir na região árida? Modernizar a região ou alimentar os moradores das áreas mais pobres?

Logo a temática da seca se fez presente na música, nas pinturas, na literatura. A seca aparece na literatura de Rachel de Queiroz como sendo uma “fatalidade” capaz de alterar a sociedade sertaneja, inclusive as relações entre os homens e mulheres, conforme destaca Albuquerque Júnior (2011, p. 138),

⁶ Jornais disponíveis no acervo do Museu Histórico de Mossoró Lauro da Escócia.

⁷ Jornal digitalizado, disponível em <<https://www.bn.br/search/node/jornal%20lucta>>. Acesso em outubro de 2018.

Toda utopia de Rachel gira em torno desta ideia de ordenamento da natureza, da construção de uma ordem social mais de acordo com a 'natureza humana'. Uma sociedade que permitisse ao homem se encontrar com sua essência. Uma sociedade sem máscaras.

Desta forma, podemos perceber que Rachel enxerga a seca como elemento que constrói o sujeito sertanejo. A natureza organiza seus hábitos, modela seus costumes. Logo, quando a natureza sofre alguma alteração, dentre elas a seca, o sujeito tende a se alterar. O nordestino comumente vai residir nos grandes centros urbanos em decorrência da seca, leva em sua bagagem costumes, alguns deles incapazes de se aplicar em outros lugares. O indivíduo nordestino na escrita de Rachel, apresenta seus próprios traços, uma identidade construída através da natureza existente na região.

Segundo Albuquerque Júnior (1987), a seca foi elemento fundamental para a construção da região, é o fenômeno que chama a atenção dos mais diversos veículos de comunicação, como jornal e rádio, especialmente os meios de comunicação da Região Sul, estampando o fenômeno como o principal responsável pelos problemas existentes na região. A seca é vista e discursada não apenas como agente capaz de alterar o meio natural, mas outros aspectos tais como:

Ao lado do tema da seca, estes discursos vão abordar também as questões econômicas, sociais e políticas que mais preocupam cada agente social da região. A seca vai ser ligada a temas como o do trabalho, da modernização, do controle social, etc., que deixam transparecer, pois a preocupação que o momento histórico colocava para estes homens, no seu cotidiano, quer seja como dominadores, quer seja como dominados (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1987, p.09).

Na literatura regionalista de 30, a seca é habitualmente ligada a uma questão "problema", responsável pela morte dos personagens, ou ainda, alterando seu comportamento, gerando dor e angústia. As secas dos anos de 1877-79, foi a primeira a ter repercussão nacional pela imprensa e a alcançar setores de pequenos e médios proprietários de terra. Ficou conhecida como a "Grande Seca"⁸, tendo o governo oferecido um número considerável de recursos para as vítimas da estiagem. O fato fez com que o parlamento do Norte descobrisse a poderosa arma que tinham nas suas mãos, para exigir tratamento igual ao dado a região Sul, em recursos financeiros, políticos e sociais. Nesse momento, as elites locais se apropriaram do discurso de combate à seca para obter recursos do Governo Federal.

O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria ideia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno. [...] A seca foi decisiva para pensar o Nordeste como um recorte inclusive 'natural', climático, um meio homogêneo que,

⁸ A seca de 1877 recebeu esse nome devido o número alarmante de retirantes que fugiam do sertão em direção aos centros urbanos, em especial no Ceará.

portanto, teria originado uma sociedade também homogênea (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 138).

O Norte apresentava divergências dentro de uma mesma região, divergência quanto ao clima, aos costumes e cultura do povo. O Nordeste começa onde a seca inicia. Seu território foi debilitado nos lugares atingidos pela falta de chuva. Cria-se uma região em torno da seca, da desertificação. A imprensa teve um papel importante para despertar a atenção para o problema da seca na região.

O despertar da consciência da elite nortista para a gravidade da situação que vivia é acompanhada de um despertar nacional para a existência do fenômeno da seca do norte, antes conhecida apenas como 'seca do Ceará', graças à intensa campanha que é desenvolvida pela imprensa local, inicialmente, e nacional, posteriormente, que explora as imagens de miséria, de desespero, morte e dor que estavam ocorrendo nessa área, durante esta estiagem. A imprensa contribuiu, portanto, para demonstrar a própria elite nortista que a seca era um tema capaz de mobilizar a opinião pública não só das províncias por ela diretamente afetada, como de todo o país (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1995, p.117).

A seca de 1877 fez com essa região se tornasse foco de debate em todo território. De acordo com Felipe e Theophilo Guerra, o ano de 1877 jamais se apagará da memória dos sertanejos, pela "Grande Seca".

A seca foi devastadora em todas as quatro províncias: Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba; em todas elas ficou a população reduzida a miséria, a ruínas e a pobreza; o quadro foi horrível, só apreciável por quem sabe-o por experiência; foi completa, por assim dizer, a extinção dos semoventes. A mortandade nos últimos meses do ano é espantosa por toda parte; em Mossoró o obituário acusa uma diária de 30 a 40 pessoas (GUERRA; GUERRA, 1990, p.39).

A seca matou inúmeras pessoas que dependiam da chuva para plantar, para criar seus animais. A pobreza se estabeleceu. Os costumes dos moradores se alteraram, até os mais velhos temeram a "Grande Seca". Muitos sertanejos pensaram em largar sua morada e migrar em busca de novas terras, entretanto, o medo pelo desconhecido era seu principal vilão, onde "muitos pobres se recolhiam a casa e amedrontados com suas famílias falavam em migrar." (THEÓFILO, 1922, p. 80-81).

A seca de 1877 marca o início de migração entre os sertanejos, por isso muitos pesquisadores (MORAES, 2003) atribuíram o termo nômade para se referir ao povo cearense do ano de 1877. No livro *A Fome*, um dos mais consistentes relatos sobre o cenário de 1877, nas ruas da capital do Ceará, o memorialista Rodolpho Theophilo descreve os verdadeiros cenários de dor presenciados: "A peste e a fome matam mais de 400 por dia! O que te afirmo é que, durante o tempo em que estive parado em uma esquina, vi passar 20 cadáveres: e como seguem para a vala! Faz horror!" (TEÓFILO, apud TRAVASSOS, 2011, p. 718).

Não demorou muito para que o Nordeste fosse atingido por outra seca de grande escala. Estamos nos referindo à seca do ano de 1915, seca essa imortalizada na literatura de Rachel de Queiroz. Conforme ocorreu na “Grande Seca”, a migração também foi marca desse período. Castro (2010) mencionando notícias do jornal circulante no Estado do Ceará daquele ano, *A Pátria*, destaca que “Levas de retirantes já começam a invadir a cidade, procurando num intuito de conservação salvar a vida... Deixo na responsabilidade do governo tomar providências” (CASTRO, 2010, p. 97). os retirantes muitas vezes eram vistos como seres indesejados nas cidades, apesar de diversas cidades brasileiras desenvolverem-se às custas desses imigrantes. A população moradora dos lugares buscados pelos retirantes, aclamavam que o governo devia adotar medidas para ajudar ou afastar os nômades, que a cada dia alastravam-se na cidade.

A seca de 1915 serviu de cenário principal para a escrita literária regionalista de Rachel de Queiroz. Em sua obra, ela apresenta o fenômeno como elemento capaz de alterar um ambiente e os costumes de seus moradores, responsável ainda pelo deslocamentos dos personagens principais. Neste ano, o então Presidente da República, Venceslau Brás Pereira Gomes, foi o responsável pela reestruturação da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS)⁹. Algumas medidas, pouco eficazes, foram implantadas, como a construção de açudes e barragens que reunia a população nas chamadas “frentes de trabalho” evitando a emigração e o esvaziamento do sertão.

Uma dessas “frentes de trabalho” é mencionada na obra aqui analisada. O personagem Chico Bento conseguiu trabalho na construção de uma barragem, indicado pela comadre Conceição, moça que ajudou o vaqueiro desde que chegou à capital Fortaleza.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape. No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária; e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa pobreza extrema e em crianças famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor. Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem. Só de longe parava para tomar fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios (QUEIROZ, 2004, p. 106).

O salário ganho por Chico Bento ao término do longo dia de trabalho, era tão mesquinho que mal dava para comprar alimento digno para a família. No entanto, o vaqueiro comemorava ao receber o pouco de dinheiro, alegando que era melhor trabalhar que roubar. O personagem encontrava outra vantagem no duro trabalho, se

⁹ A Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS) foi criada em 1909. Pouco tempo depois seus serviços forma interrompidos, voltando a funcionar na seca de 1915. Substituído posteriormente pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS).

alimentar satisfatoriamente. Rachel de Queiroz não dá muita relevância a esse trabalho na sua obra, mudando de assunto e não retomando-o durante a narrativa.

A seca de 1915 mudou a estrutura do Estado do Ceará. Um cordão de isolamento foi criado para separar os retirantes dos moradores dos centros urbanos, os chamados campos de concentração. Na seca do ano de 1932, esses campos foram reativados. Neves (1995) apresenta alguns dados dos números de retirantes que os campos de concentração, espalhados no Estado do Ceará, receberam na seca do ano de 1932.

O campo de Quixeramobim durou apenas 3 meses (abril a junho de 1932) e chegou a concentrar quase 5 mil pessoas. [...] Em Cariús, outro campo sobre o qual apenas alguns números estiveram à disposição. Esteve em atividade durante um ano (05.32 a 04.33) e atingiu uma população máxima de 31.906 pessoas em julho. O campo do 'Burity', município de Crato, na estrada que vai para Juazeiro, foi o maior de todos, chegando a abrigar 60 mil retirantes! (NEVES, 1995, p. 109).

Neves (1995) ressalta que por falta de documentação é difícil definir um número concreto de quantas pessoas esses lugares receberam, nas secas de 1915 e 1932. Embora não tenhamos um resultado exato, podemos dizer que nesses anos de seca o Nordeste passa por um processo de esvaziamento das áreas mais secas da região. Como o governo encara esse processo de migração? Migrar seria de fato a melhor opção dentro do fenômeno da seca?

3 A RETIRADA MOLDANDO O NORDESTE

Na mesma proporção que a seca foi responsável em construir sócio-espacialmente a região Nordeste, separando-a do Norte, o fenômeno também foi responsável pelo despovoamento do sertão, tendo em vista as diversas fugas para os centros urbanos. Migrar é muitas vezes considerada a melhor opção para os moradores das regiões mais atingidas pela estiagem.

Chico Bento, personagem de Rachel de Queiroz, não encontrou mais motivos para permanecer morando nas Aroeiras. Sua única fonte de renda era o emprego de vaqueiro na fazenda de Dona Maroca, após a senhora desistir de enfrentar a seca e soltar seu gado, o vaqueiro ficou sem seu sustento, como iria alimentar sua família sem emprego? Como sobreviver à seca que atingia o sertão? A opção encontrada no meio de toda desgraça foi migrar, ir para o Amazonas.

São vários os motivos que ocasionam a migração interna, dos quais Gonçalves (2011) destaca: a disponibilidade de vagas de emprego; busca por melhores condições de vida; a fuga da seca. O ciclo da borracha no Amazonas que se iniciou no século XIX resultou na migração de inúmeros nordestinos, que enxergavam na produção do látex uma nova forma de sobrevivência.

Analisando os jornais do município de Mossoró/RN, podemos perceber em diversos momentos, que os representantes políticos não aconselhavam o processo de retirada por conta da seca. Alegavam que todo o sofrimento passado em decorrência da longa viagem poderia ser evitado. "Passar mal por passar mal, deixe

está em sua terra, pelo menos evitam canseiras de longas viagens penosas, em meio ou no fim das travessias só encontram a morte” (O COMÉRCIO DE MOSSORÓ, 1915, nº 556). É possível notar, que para parte da população, migrar seria um processo em vão, tendo em vista que muitos, se não a maioria, morreriam na viagem e não alcançariam seu destino final. Entretanto, não cabe ao sujeito nordestino esperar a morte chegar e não fazer nada para tentar mudar essa situação.

Em Rachel de Queiroz, Chico Bento conseguiu chegar à capital do Estado, e de lá seguiu viagem rumo a São Paulo. Entretanto, até chegar em Fortaleza, o vaqueiro enfrentou a dor da perda um filho e o desaparecimento de outro. Passou fome, humilhação, tendo que pedir diariamente esmolas para poder comer e sobreviver. Não teria sido mais conveniente ficar nas Aroeiras e morrer na sua casa, embora simples, mas sua? Se tivesse optado em não migrar, poderia ter dado um enterro digno ao seu filho, e não ter deixado seu cadáver à beira de uma estrada.

Evitar a angústia da retirada foi citada em outras manchetes de jornais, dentre elas do Estado do Ceará. Nos noticiários do jornal *A Lucta*, nos deparamos com a seguinte matéria: “A retirada é um grande mal ocasionador de doenças e mortes, e todos devem ter a caridade de aconselhar o povo a não se retirar de seus lugares de origem” (A LUCTA, 1915). O conselho dado pelo jornal é claro, migrar só gera sofrimento não é a melhor solução encontrada diante da seca, todos devem permanecer em suas residências e esperar a chuva chegar. Entretanto, não encontramos nos jornais, soluções cabíveis para enfrentar a estiagem, a não ser esperar a chuva cair no sertão. Vale frisar, que o periódico era um dos oficiais do Governo do Ceará, logo ideologicamente o jornal apresentava a visão do governo, que era contra as práticas migratórias.

O jornal *A Lucta* por diversas vezes se posicionou contrário a invasão da capital por conta dos flagelados, haja vista sua finalidade e objetivo mascarado por trás dos noticiários. De acordo com Travassos (2011), na seca de 1877, o jornal trazia matérias que contestavam a ideia de retirada do sertão, a autora define seus noticiários sobre a seca como sendo “um discurso contestatório e de denúncia” (TRAVASSOS, 2011, p.722). O jornal tinha a função de mostrar os danos que retirantes causavam nas cidades, representando sinal de perigo, tendo em vista, que sem conseguir emprego e alimento para saciar sua fome, muitos optavam em roubar. É comum relacionar a figura do retirante da seca, com os bandidos das cidades, ou ainda os mendigos.

Outra preocupação estampada nas notícias dos jornais diz respeito ao medo que os governantes tinham com relação ao despovoamento do sertão. “O povo migra para o Mato Grosso, Amazonas, São Paulo, tenhamos fé, confiança e trabalhemos e venceremos, afinal o sertão do Rio Grande do Norte não ficará despovoado” (COMÉRCIO DE MOSSORÓ, 1915, nº 557). O artigo no qual foi retirado a citação anterior é intitulado *O despovoamento*, nele encontramos uma espécie de pedido para que a população não feche suas casas e pegue a estrada. O artigo finaliza com a tese de que esqueletos não são mãos trabalhadoras na cidade, que ninguém vai querer contratar um retirante, que um miserável não apresenta mais forças para trabalhar. No artigo, podemos perceber não só um pedido, mas uma ordem: migrar poderia fazer desaparecer com uma região, com um vilarejo, um sítio.

Através da obra de Rachel de Queiroz, *O Quinze*, podemos perceber que até os moradores mais antigos de uma região se retiram em decorrência da seca, um exemplo disso é a Mãe Nácia. Como uma senhora já idosa, viúva, sobreviveria

sozinha em uma fazenda em plena estiagem? Conceição não enxerga outra saída a não ser levar a sua avó para Fortaleza. Inácia nunca tinha deixado suas terras, e isso lhe causou uma enorme comoção. Chegando a se considerar covarde em abandonar suas terras e seu gado. “- Deixar tudo assim, morrendo de fome e de sede! Fazia vinte e cinco anos que eu não saía do Logradouro, a não ser para o Quixadá!” (QUEIROZ, 2003, p. 38). A pobre senhora se questionava se tinha feito a melhor escolha, mas logo pensava que a longa estiagem acabaria com o gado, e ela sozinha, sem a ajuda de ninguém, possivelmente, não evitaria que os animais morressem. Sua fuga para a cidade seria uma fuga do sofrimento, sabia que na casa de sua neta não seria atingida pelos males trazidos pela seca. Em muitos casos na obra de Rachel de Queiroz, é possível identificar um discurso romantizado em torno da estiagem e de seus danos. A autora assemelha o ato de resistência de Vicente como um ato heroico e valente.

Ainda analisando o discurso da seca nos jornais, notamos que para o sertanejo vítima da seca, só restava duas duras opções: emigrar em busca de novas terras, ou permanecer em seu lugar e origem e esperar a chuva chegar. Os dois caminhos talvez levem a um mesmo destino: a morte. No Jornal *O Mossoroense* encontramos um artigo enfatizando qual seria o destino dos retirantes:

Os pobres homens transferidos de seus pátrios lares, em penoso êxodo, comidos pela fome andam sem pousada, de sítio em sítio, de casa em casa, romeiros da miséria, praguejando a vida, lastimando a sorte. Estes chegam aos novos lugares sem rumo e sem destino. Onde trabalhar? Como sobreviver em novas terras? Só o tempo dirá (O MOSSOROENSE, 1915, nº 338).

A obra de Rachel de Queiroz começa com a seca e termina com a chegada do inverno. O sertanejo migra, mas leva as recordações do sertão na sua bagagem. Chico Bento quando estava prestes a deixar o sertão e ir para São Paulo, sente saudades de suas terras. “Seria possível que fossem saudades daquela miséria, daquele horror? E a vista interior do vaqueiro, mostrou-lhe a imagem da casa abandonada, fechada e viúva, nas Aroeiras” (QUEIROZ, 2004, p.117). Notamos a empatia com seu lugar de origem. Apesar de todos os males vividos pelo personagem, era ali que ele queria ficar, que queria ver seus filhos crescer, que queria morrer.

Um ponto que merece destaque diz respeito à figura do retirante, visto para muitos como seres imundos capazes de prejudicar a fisionomia da cidade. Em diversos trechos da obra *O Quinze* os retirantes aparecem como seres insignificantes aos olhos da população residente das cidades. Muitos se escondiam quando eles batiam na porta em busca de esmolas. Podemos citar quando Chico Bento vai pedir ajuda ao delegado no caso do desaparecimento do seu filho.

Lá dentro, uma voz de mulher disse baixinho:
- Abre não, menina, é retirante... É melhor fingir que não ouve...
Chico Bento escutou; e sua voz lenta explicou, dolorida:
- Não vim pedir esmola, dona; eu careço é de ver o delegado daqui...
(QUEIROZ, 2004, p. 87)

Existia receio de abrir a porta de sua casa para retirantes, estes podiam representar perigo. Outro trecho da obra que ressalta o desprezo é no momento em que Conceição chora com a despedida de Chico Bento, que estava partindo para São Paulo. Um viajante questiona quais os motivos de uma moça, branca e limpa, chorar por causa de um retirante sujo. Dessa forma, o homem é esquecimento, a figura que prevalece em Chico Bento é de um morto de fome, suas qualidades, seus sentimentos são desprezados. Ora, qual o motivo de uma pessoa chorar por flagelados? Conceição não o enxergava como retirante, ela conhecia seus valores, seus sentimentos, e sobretudo, todo o sofrimento já enfrentado pela família.

Rachel de Queiroz “imortalizou” a seca de 1915. Sua escrita regionalista apresentou a seca para todo o país, seus personagens são de forma romantizada vistos como heróis da seca. Há nordestinos em todas as regiões do Brasil, e a seca é um dos responsáveis por esse forte processo de imigração.

Passados mais de cem anos da seca de 1915, o Nordeste brasileiro ainda sofre com esse problema. Hoje a população já não migra em grande escala. Entretanto, notamos um desaparecimento das lavouras agrícolas, o gado de pequenos produtores não está mais nos pastos. O sertão foi invadido em grande parte pela modernidade, e o sertanejo hoje não mais busca seu sustento apenas do trabalho rural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região Nordeste do Brasil é caracterizada pelo polígono das secas, onde essas irregularidades pluviométricas causam danos à população local. De fenômeno natural, a seca passa a ser vista como um fenômeno social, capaz de mudar o lugar de morada da população. Desta forma, a seca é vista como elemento que moldou a estrutura física da região. Além do ambiente físico, a seca foi responsável por elaborar traços na identidade do sertanejo.

O fenômeno seca foi o tema de maior destaque na literatura regionalista dos anos 30, onde esses escritos literários buscavam a criação de uma identidade para o povo nordestino. Autores como José Américo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, são exemplos de escritores que se propuseram a elaborar uma imagem para a região.

Realizamos um estudo sobre a seca de 1915 em diversos meios de propagação de notícias, periódicos, narrativa literária, textos com cunho histórico e científico. Os periódicos analisados evidenciam o discurso da seca elaborado pelos jornalistas, muitas vezes com entrevistas com os responsáveis pelo Estado do Ceará, ou do município de Mossoró. Vale frisar que nos dias atuais, muitos ainda consideram a seca como responsável pelo atraso em algumas áreas na região, principalmente no que diz respeito à concentração e distribuição da renda.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rego. 5.ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **Falas de Astúcia e de Angústia: A seca no imaginário - de problema a solução (1877-1922).** (Dissertação de Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1987.

_____. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 28, p. 111-120, 1995.

CASTRO, Lara de. As retiradas para os campos de açudagem na seca “do Quinze”. **Revista Historiar**, ano II, n. I, 2010.

GONÇALVES, A. J. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos Avançados**, v. 15. N. 43, 2011. p. 173-184.

GUERRA, Felipe; GUERRA, Theophilo. **Secas contra a seca**. Mossoró: Fundação Guimarães Rosa. Coleção Mossoroense, Volume XXIX.

MORAIS, Viviane Lima de. **As Razões e Destinos da Migração: trabalhadores e emigrantes cearenses pelo Brasil no final do século XIX**. Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 2003.

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932), **Revista brasileira de História**. São Paulo. Vº 15, nº29, p. 93-122. 1995

TRAVASSOS, Lidianny Soares Mota. Uma História não contada: O Campo de Concentração para flagelados em 1915 em Fortaleza – Ceará. **Perspectivas Históricas: Historiografia, pesquisa e patrimônio**. Fortaleza, novembro, 2011.

THEÓPHILO, Rodolpho. **História das Secas no Ceará (1877-1879)**. Rio de Janeiro, Imprensa Inglesa, 1922.

FONTES

Jornal **O Mossoroense**. Anos 1915, 1916 acervo. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

Jornal **O Comércio de Mossoró**. Ano 1915. Museu Municipal Lauro da Escócia. Mossoró RN.

Jornal **A Lucta**. Ano 1915. Disponível no sítio da Biblioteca Nacional.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.